



Educação e Utopia: Fragmentos de Interpretação

Artur Manso^[1]

artur.s.manso@gmail.com

Resumo: Este ensaio pretende explorar uma nova linha de análise prospetiva da evolução da educação ou da instrução, tendo em atenção as abordagens que a mesma suscita numa altura em que parece garantida a nova realidade social que coincide com o triunfo do ócio pleno numa convivência próxima, em que a maioria daqueles que aí se incluem nunca terão qualquer trabalho no sentido tradicional em que este é entendido. O desiderato utópico de que a educação deve servir os interesses do indivíduo e não a conveniência social, tenderá, num tempo próximo, para a sua efetivação.

Palavras-Chave: Instrução; Cultura; Profissão; Humanidade.

Education and Utopia: Fragments of Interpretation

Abstract: This essay intends to explore a new line of a prospective analysis of the evolution of education or instruction, taking into account the approaches it raises at a time when the new social reality that coincides with the triumph of full leisure in a close coexistence in that most of those who do include themselves there will never have any work in the traditional sense in which it is understood. The utopian desideratum that education should serve the interests of the individual and not social convenience will tend, soon, to its realization.

Keywords: Education; Culture; Profession; Humanity.

[1] UMinho – Portugal.

Introdução

A educação, ou melhor, a instrução, é um processo que permite ao indivíduo, por um lado, interpretar melhor e, por outro, agir com mais assertividade no quotidiano. Ser educado é ser receptor e transmissor de cultura e estar preparado, o melhor possível, para desempenhar uma determinada profissão. Tudo o resto que as sociedades e as culturas na contemporaneidade têm associado a este processo não faz muito sentido. Para os ocidentais, a Grécia antiga é o berço da civilização pelo simples facto de que, até essa data, poucos registos haver, nomeadamente em forma escrita, daquilo que se tinha passado e se ia passando. Portanto, o milagre grego assenta na fixação, pela escrita e para memória futura, dos anseios e preocupações dos homens, sempre, note-se, em luta encarniçada com os deuses e o destino. Ou se se quiser, a disputa entre o relativo e o circunstancial que o indivíduo representa e o perene e o eterno que os deuses encarnam. Os sofistas, percebendo que esta contenda era uma causa perdida, quiseram ensinar o homem a vencer por si mesmo, relativizando o valor do absoluto, procurando uma norma que servisse

todos de igual maneira, instalando o tempo do relativismo da verdade, utilitarismo e individualismo, do *homem medida*: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são, das que não são enquanto não são” (Protágoras), procedimento que desagradou a Sócrates (séc. V-IV, a.C.) e que depressa vaticina a bondade de um sistema absoluto de valores que, em nenhuma circunstância, pode depender da vontade individual. Se no primeiro caso o homem se basta a si mesmo e alia o saber ao saber-fazer, no segundo é apenas mais uma parte de um todo que o absorve em nome de um bem comum previamente determinado assente em um essencialismo universal. Até aos Sofistas, os educadores da Grécia eram os poetas, destacando-se Homero e Hesíodo e era da poesia que resultavam os ensinamentos que se deviam reter para a vida comum.

De Sócrates a Platão

Em contraposição, Sócrates, sem qualquer interesse em abrir uma escola, impõe a atitude dialógica na procura do saber e busca do autodomínio, procurando o conceito universal



(de ordem moral): virtude, piedade, justiça.... Para exercer a sua pedagogia, escolhe os lugares onde há jovens interessados em dialogar: Ágora, Ginásio, *Symposium*, fala ao ritmo das conversas que enuncia sem para tal ser pago: “Os campos e as árvores não me podem ensinar nada, mas sim os homens que vivem na cidade” (*Fedro*, 230b).

Mas aquilo que a educação deve significar é elencado por Platão na *República*, no episódio da *Alegoria da caverna*. Segundo a teoria aí expressa, a educação deve fornecer ao indivíduo os meios para contemplar o Ser, o Bem (que coincide com a Verdade) e que foi visto pela alma antes de encarnar no corpo, fazendo com que não se prenda à facilidade do dia a dia, correndo de prazer em prazer, mas antes tente conseguir o prazer máximo pelo caminho doloroso da ascensão à verdade, uma vez que só o homem sábio pode administrar com prudência a cidade. A ser assim, é necessário forçar os indivíduos melhor dotados para a ciência a ascenderem ao Bem e alargar a educação aos restantes para que cada um conheça o lugar que nela ocupa. Apenas aqueles que forem instruídos convenientemente poderão, quando regressarem

à caverna, reconhecer cada imagem, o que ela é e o que representa, por terem contemplado a verdade relativa ao Belo, ao Justo e ao Bom. A caverna corresponde ao mundo visível e o sol é o fogo que se projeta dentro dela. A ascensão e a contemplação do mundo superior é o símbolo do caminho da alma em direção ao mundo inteligível, representando, aqui, o conhecimento do verdadeiro, a passagem do temporal ao Eterno. É compreensível que o sábio (filósofo) tenha de cair no ridículo ao regressar do espetáculo divino às misérias do mundo dos homens. Esta é uma alegoria da natureza humana e da sua atitude perante a cultura. A educação não é aqui focalizada do ponto de vista do absoluto (como na Alegoria do Sol), mas antes do ponto de vista do Homem: como transformação e purificação da Alma para poder contemplar o Ser Supremo. Antecipa a essência e os efeitos de todo o processo espiritual, mediante a visão da ascensão da Alma à região da luz e da verdadeira realidade, fazendo-nos viver pelo sentimento a dinâmica deste *phatos* (acontecimento, experiência, emoção), pondo em relevo, na metamorfose operada na Alma, a obra de libertação do conhecimento, designado *paideia* (educação). Platão aproxima-nos, ao mesmo tempo, da

verdadeira exposição da sua trajetória metódica, no ensino das matemáticas e da dialética.

Cristianismo e Renascimento

A seguir, no ocidente, impôs-se o Cristianismo que, para agregar os fiéis, tomou como base a catequese com vista a criar o homem novo, à semelhança do que é apontado nos Evangelhos que se distinguem pelo constante uso de analogias – destacando-se a ideia que hoje conhecemos em espelho, mas devemos preparar-nos para conhecer face a face, conhecer como somos conhecidos (cf. *ICor.*, 13). É, assim, uma educação informal com grande incidência moral aquela que o cristianismo desenvolveu, tendo toda ela uma finalidade bem determinada, em similitude com a pedagogia socrática.

No Renascimento, tenta-se, novamente, enlaçar o passado e o presente com vista ao futuro. Esse é o propósito da crítica, ainda que cáustica, de Rabelais no seu *Gargântua e Pantagruel*. Nascido entre 1484 e 1494, Rabelais foi escritor, padre e médico. Entrou para a História justamente pelos seus escritos, que traziam à tona,

de forma sarcástica, os defeitos de uma sociedade presa às eternas amarras do passado. Ao longo das muitas viagens por França, interessou-se pela observação da diversidade de costumes e tradições, desenvolvendo a sua obra no exagero hiperbólico, com personagens gigantes, excesso de comida e bebida, que significa a vitória do mundo popular e o aparecimento de novos tempos que façam esquecer a treva medieval. A obra apela a uma educação que promova a felicidade e desenvolva a liberdade, que também se deve manifestar na diversidade das leituras, no prosseguimento do novo espírito científico e respetivo abandono da atitude dogmática. O cristianismo não é inimigo, nem deve ser assim considerado, do conhecimento racional que a observação e a experimentação venham a suportar. O apetite exacerbado dos comensais significa o esmero que cada um deve ter pelo conhecimento científico: um saber autónomo de experiência feito e não de dogmas repetidos, entendendo a diversão e o jogo como meios essenciais de aprendizagem.



De Jean-Jacques Rousseau a Nietzsche

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), no *Emílio ou da educação*, romance pedagógico publicado em 1762, fornece, a par do pensamento de Sócrates/Platão, o fundamento da pedagogia dos séculos XIX e XX. O homem nasce naturalmente bom e convém que a educação não o estrague; por isso, compete ao preceptor/professor manter a pureza do estado natural, não devendo insistir na educação intelectual para lá do natural interesse do aprendiz que, para si, é exatamente aquele que vier a demonstrar, ao contrário do que faz a educação tradicional centrada apenas no intelecto, no cognitivo, para que, como acredita, a civilização e o progresso prosperem. Rousseau contesta a ideia da criança como um adulto em miniatura e enfatiza a ideia de infância como um lugar próprio e distinto da posição do adulto. A educação visa transformar a criança em adulto, nunca se preocupando com o que ela é, mas com aquilo em que a querem transformar e como a condição humana é caracterizada pela imperfeição. Rousseau não lhe fugirá

ao propor uma educação diferenciada para meninos e meninas, submerso ainda na ideia de que a mulher deve ser submissa ao marido e boa dona de casa, pois a sua capacidade de aprender intelectualmente seria inferior à do homem.

Talvez o pensamento educativo futurante de Rousseau não se prenda tanto com esse conceito de criança que virá a ser decisivo, mas com as consequências da sua ideia referente à autonomia e ao inteiro exercício da liberdade na vida societária nos desenvolvimentos que as suas propostas vieram a ter, nomeadamente por parte de Kant, seu admirador e seguidor. Por serem textos curtos, talvez não lhe tenham dado a importância devida, uma vez que também apontam para uma utopia difícil de realizar. O Iluminismo ou a idade da razão vieram para ficar e o homem não pode regredir para o estado de menoridade e de triunfo do dogma. *O Que é o Iluminismo?* (1784) mostra essa vontade do triunfo da razão contra o dogma, da liberdade de pensar e guiar o seu pensamento de forma autónoma e a *Paz Perpétua* expressa que as pessoas são egoístas e más, referindo que o estado da natureza é o da guerra e cabe à educação ensinar a resolver os

conflitos sem violência, para se poder viver numa sociedade racionalmente sustentada, participada, tolerante e o mais igualitária possível. Kant não seguiu nem se importou com a mitologia da criança, não se interessou em saber naquilo em que se irá transformar a criança enquanto adulto, mas que lugar o adulto deve ocupar na sociedade que o educou. A irracionalidade da infância é um obstáculo ao racionalismo kantiano, mesmo que, no homem por si descrito, continue a procurar as características distintivas da infância.

O enfoque na pureza da infância volta a ser posto em causa pelo mestre da suspeita: Nietzsche (1844-1900) que, nas *três metamorfoses* com que inicia a sua obra axial, *Assim falava Zarathustra* (1883), apresenta um otimismo redentor pela mão da criança, a última das três metamorfoses do espírito:

como o espírito se transforma em camelo, e o camelo em leão, e o leão, por fim em criança. [...] tal como o camelo, que, carregado, se dirige a toda a pressa para o deserto, assim se apressa ele (espírito) a caminho do seu próprio deserto. [...] no mais ermo dos desertos, ocorre a segunda metamorfose: aí, o espírito transforma-se em leão,

quer apoderar-se da sua liberdade e ser amo e senhor do seu próprio deserto. [...] ‘Tu deves’, chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: ‘Eu quero’. [...] Criar novos valores – isso até mesmo o leão ainda não consegue; mas criar para si a liberdade necessária a uma nova criação – isso consegue a força do leão. [...] Para criar liberdade para si e dizer um sagrado ‘Não’ mesmo ao dever, para tanto, meus irmãos, é necessário o leão. [...] Outrora, ele amava o ‘Tu deves’ como o que havia para si de mais sagrado. Agora tem de descobrir ilusão e arbitrariedade até mesmo no que há de mais sagrado, a fim de que rapte ao seu amor liberdade para si próprio. [...] Mas disse-me, meus irmãos, que consegue ainda a criança, de que até o leão não fosse capaz? Porque tem ainda o leão rapinante que tornar-se numa criança? [...] A criança é inocência e esquecimento, um começar de novo, um jogo, uma roda que gira por si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer que sim. [...] Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso um sagrado dizer que sim; agora, o espírito quer o *seu próprio* querer, aquele que se perdera para o mundo conquistado o *seu próprio* mundo (cf. Nietzsche, 1998: pp. 28-30).

O espírito devém em camelo que abdica de dizer não e representa o peso, obediência, humilhação. O leão



diz não ao dever e representa a liberdade, ser amo e senhor, lutar e vencer o grande dragão que encarna os valores antigos, ao tu Deves contrapõe eu Quero, mesmo que não consiga criar novos valores, porque estes dependem de uma liberdade que os possa impulsionar. A criança diz Sim e representa o começar de novo, a inocência e esquecimento, o jogo e o espírito que conquista o seu próprio mundo.

O tempo atual prima pela democratização do ócio a que a escola do futuro deve estar atenta.

O Ócio Pleno

No mundo a haver, o ócio pleno marcará a realidade, tornando plena a utopia do *vadio da vida*. Aqueles que sempre fizeram o elogio do ócio como promotor da criatividade poderão ver esse desiderato massificado a quase toda a população num futuro sem profissões e ocupações. A vida passará a ser o fruir daquilo que a cada momento nos fará mais felizes e nos deixará mais saciados. Num mundo sem profissões e com uma boa parte dos indivíduos com uma vida inteira sem trabalho parece que o enunciado de Auguste Comte (1798-1857) “Saber

para prever, prever para poder”, que designava a função da ciência social moderna, se há de tornar supérfluo.

Disruptivas no século XX são as pedagogias libertárias porque combatem um modo de fazer escola, mesmo que centradas ainda na alfabetização no imenso e desigual espaço latino americano que, ao contrário das sucedâneas pedagogias críticas, estas de herança marxista e de enfoque exclusivamente político, são demasiado politizadas com o objetivo claro de transformar as sociedades liberais e consumistas em sociedades comunitárias e, em meu entender, não trazem nada de novo em torno da educação do futuro, pois apresentam-se como meros exercícios teóricos centrados nas universidades dos Estados liberais que muito dificilmente serão sensíveis às suas propostas, pois o triunfo do liberalismo e do individualismo foi o que permitiu, para o bem e para o mal, ou seja, um maior equilíbrio material das sociedades. Os pedagogos críticos estão inseridos nessas sociedades e nelas trabalham e obtêm o sustento, não sendo permitido qualquer movimento contestatário aos seus iguais nas sociedades coletivistas como Cuba, Rússia ou China. O exemplo daquilo em que a China quer transformar os espaços anteriormente au-

tónomos e agora da sua jurisdição como seja Hong Kong, transformando o liberalismo num comunitarismo de sentido único e centralizado, é o exemplo de que a crítica e o dissenso são uma prática exclusiva das sociedades liberais.

Agostinho da Silva e a Educação do Futuro

Mas como o desenvolvimento político que a educação vai servindo não é o mais importante para este assunto, voltemos à ideia de uma educação do futuro que deverá congrega num mesmo ideal, depois da democratização plena do ócio e do fim das profissões que aí vêm, a infância, a imaginação, a liberdade e a poesia. Agostinho da Silva (1906-1994) desenvolveu esta utopia e deu-lhe um lastro pouco comum, mas da maior importância, aproveitando a vida toda como *arte de viver*, onde a cultura é entendida como o modo de ser de cada um e em que a função da escola é manter os indivíduos curiosos com tudo que os rodeia, pois como muito bem lembra:

milhares de meninos estão surgindo no mundo já reformados. Nunca vão ter em-

prego. As profissões vão desaparecendo do mundo. [...] [o Espírito Santo] queria que todas as crianças fossem de tal modo livres e desenvolvidas que pudessem dirigir o mundo pela sua inteligência, pela sua imaginação, não propriamente por saberem aritmética ou por saberem ortografia [...] as crianças deviam dar ao mundo e aos homens, o exemplo do que devia de ser a vida. [...] a vida devia ser gratuita que ninguém tenha que pagar para viver e que trabalhar para viver [...] tendo a vida sido dada de graça, era inteiramente absurdo, inteiramente tolo, passar o resto da vida a ganhá-la (cf. Silva, 1996, pp.22 a 43).

Não ter um emprego, viver sem ofício nem benefício é o melhor bem que pode suceder à humanidade, pois a obrigação de cada um é ser aquilo que efetivamente desejar, tanto mais que a escola apenas se dirige à eficácia de uma vida futura que se quer materialmente bem-sucedida. O tempo a vir deve contrariar o decurso normal da escolaridade, retornando ao espírito da infância que as ocasiões do ócio pleno haverão de garantir, podendo observar a vida:

não com a ideia que já viveram todos aqueles dias, como hoje sucede a tanta gente que se levanta da cama para fazer nesse dia que



alvorece a mesma coisa que fizeram na véspera [...] o destino de todo o europeu que se mete na cama é de acordar na véspera, não é no dia seguinte, ele acorda na véspera para fazer de novo aquilo que já tinha feito anteriormente. E é preciso que não vamos cair nisso (Silva, 1996, p. 52).

Nas *Conversas Vadias*, diálogos com personagens multifacetadas que ocorreram em ambiente mais informal, Agostinho da Silva trata de forma original estas categorias. Seguindo a transcrição das mesmas da responsabilidade de Adelina Andrês, vejamos como entrelaça a relação Infância, Liberdade e Poesia, na crença absoluta de que a obrigação maior de cada um, de cada existente, que se deve entender sempre como único no mundo, é ser criador, produzir uma obra absolutamente diferente de qualquer outra, obra única de um ser único, ser um poeta à solta, seguindo o conselho do poeta Manuel Bandeira (1886-1968). Este ímpeto só se poderá manter pelo reviver, em cada momento, independentemente da idade, do espírito da criança, pois, como nos lembra, criança e criação têm significados muito semelhantes, revertendo naturalmente para a imaginação infantil que se apresenta como sinónimo de

criar. Compete a cada um “viver até ao fim com a capacidade de imaginação e de criação que, em geral, todas as crianças têm [...] que seria preciso nós conservarmos até ao fim da vida”, diz Agostinho ao poeta Manuel António Pina. O verdadeiro génio será sempre criança porque ser criança é um ato de plena liberdade, sem a qual não há imaginação nem criação, numa espécie de vivência conjunta do destino e da liberdade, do que não controlamos e daquilo que desejamos e podemos conseguir com o nosso esforço e querer, caminhando para “o ideal de um dia ter a total liberdade de cada um ser aquilo que é” (Manuel Pina e Agostinho da Silva, 1990, maio 24).

Poeta, como refere Agostinho, tem a sua origem em um verbo grego “que significa fazer no sentido de criar” (*Ibid.*). Nesta asserção, a poesia coincide com a vida toda: quem faz, o que quer que seja produz poesia, que não é obra exclusiva do poeta que compõe versos. Poeta é aquele que inventa qualquer coisa que o mundo ainda não conhecia, “é o mesmo tipo de criador, de imaginativo e de sabedor, que aparece na física, ou na matemática ou, por exemplo, no campo da metafísica ou da mística” (*Ibid.*). Ser poeta é

cumprir o dever de “fazer a obra que pode fazer e, porque ele é único, será a única obra daquele tipo no mundo”. Cada indivíduo, desde que nasce, torna-se em um criador único de uma realidade única. Um poeta à solta, vagabundo que anda de um lado para o outro à procura do seu lugar, contemplando mundo e criando mundos. Agostinho refere que a vadiagem é física, mas também mental ou intelectual, como esclarece com o exemplo do físico inglês Hawking que, estando fisicamente limitadíssimo, nunca deixou de vadiar intelectualmente, mantendo-se interiormente inquieto, o que lhe permitiu fazer a sua poesia, a “física da mais pensada, da melhor que se tem feito até hoje”. A nossa condição é a de sermos poetas à solta, pois em cada momento da nossa existência livremente assumida material, física e intelectual, é a criatividade e a espontaneidade que nos deve marcar, porque “o mundo é o poema em que Deus se transformou”. Ser *poema* é cumprirmos a nossa missão enquanto existentes, necessidade interior que nos impele na realização da vontade pessoal. O facto de termos nascido coloca-nos a missão de nos cumprirmos por inteiro, estarmos na vida em plena aceitação daquilo que somos e

do que podemos vir a ser, de forma simples, desinteressada, tranquila e alegre, à semelhança da *papoila* e do *gato*. Em suma, cumprir-se é realizar a vontade pessoal, seja no ócio, seja na escola, seja no campo, seja na cozinha, na jardinagem, no hospital, como *dandi*, como estudante ou professor, como agricultor, como cozinheiro, como médico ou enfermeiro, ou qualquer outra ocupação em que cada um se sinta verdadeiramente realizado e só o espírito da criança nos auxiliará nesta tarefa: “todo o objetivo da nossa vida deve ser: quando acabássemos, as pessoas dizerem *Morreu um Poema!*”

Este é o melhor desiderato de uma utopia educativa, de uma finalidade que a educação e a instrução tal como foi entendida ao longo dos tempos veio contrariando, mas agora que o ócio pleno para cada vez mais existentes passou a ser uma certeza, terá que considerar de forma séria. Não vale a pena alimentar a ideia de que as escolas vão continuar a educar para uma profissão e uma ocupação num mundo em que o trabalho se tornará escasso e, por isso, a escola haverá de cumprir plenamente o desígnio em que se originou: ensinar a viver no ócio, sem ocupação nem preocupação, pois



a vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que o vestuário... as aves não semeiam nem ceifam... os lírios do campo não trabalham nem fiam e Salomão, em toda a sua glória, não se vestiu como um deles... não vos inquieteis com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã tratará das suas inquietações. A cada dia basta o seu cuidado (cf. Mat., 6, 25-34).

A utopia educativa de pedagogos como Agostinho da Silva é coincidente, portanto, com os melhores ensinamentos dos mestres da humanidade que nos mostraram como, nas alegorias, mora toda a sabedoria do mundo. Se quisermos dar-lhe um lastro mais científico-positivista, vejamos como Aldous Huxley (1894-1963) nos mostra que não haverá futuro sem passado, e como o homem, na sua caminhada, aprende a habitar em novas realidades como a inteligência artificial; mas, apesar de todas as mudanças, acredita que o mundo a vir cumprirá o desejo de resistência ao que inevitavelmente se tornará dominante, tal como anuncia no prefácio do *Admirável Mundo Novo* (1932), no qual já nos encontramos e que se prevê mais inumano e artificial, onde os modos de vida provavelmente deixarão de ter qualquer referência cultural:

Eis porque este atual admirável mundo novo é o mesmo que o antigo. Os seus defeitos, como obra de arte, são consideráveis [...]. Entre as soluções utópica e primitiva do seu dilema haveria a possibilidade de uma existência sã de espírito – possibilidade atualizada, em certa medida, entre uma comunidade de exilados e refugiados que teriam abandonado o Admirável Mundo Novo e viveriam dentro dos limites de uma Reserva. Nessa comunidade a economia seria descentralizada, à Henry George, a política seria kropotkinesca, cooperativa. A ciência e a técnica seriam utilizadas como se tivessem sido feitas para o homem, e não (como são presentemente e como serão ainda mais no mais admirável dos mundos novos) como se o homem tivesse de ser adaptado e absorvido por elas. A religião seria a procura consciente e inteligente do Fim Último do Homem, o conhecimento unificado do Tao ou Logos imanente, da Divindade ou Brama transcendente. E a filosofia dominante da vida seria uma espécie de Utilitarismo Superior, no qual o princípio da Felicidade Máxima seria subordinado ao princípio do Fim Último (cf. Huxley, 1976: 7-9).

Referências Bibliográficas

- ANDRÊS**, Adelina (2015). *Agostinho da Silva: a 'vida conversável' como fundamento da educação*. Braga: UMinho [Tese de Doutoramento] <http://hdl.handle.net/1822/38794>
- ARQUIVOS RTP**. (1990, maio 24). *Conversas Vadias. Manuel António Pina e Agostinho da Silva*. Ep.12. [Vídeo]. Arquivos RTP. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-com-manuel-antonio-pina/>.
- COUTO**, Filipe (2012). *A Mediação Cultural em Agostinho da Silva na Senda do Quinto Império*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade do Minho. Braga: UMinho. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24022>.
- HUXLEY**, Aldous (1976). *Admirável Mundo Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- JAEGER**, Werner (2018). *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. 6ª ed. S. Paulo: Martins Fontes.
- KANT**, Immanuel (1989). *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Ed. 70.
- MANSO**, Artur (2017). *Escolas Para Quê? Ensaio Sobre a Pedagogia Indolente*. Porto: Estratégias Criativas.
- NIETZSCHE** (1998). *Assim Falava Zaratustra*. Lisboa: Relógio D'Água.
- PLATÃO** (1983). *A República*. 4ª ed. Lisboa: FCG
- RABELAIS** (s/d). *Gargântua e Pantagruel*. Lisboa: Amigos do Livro
- ROUSSEAU** (1990). *Emílio*. 2 vols. Lisboa: Europa-América
- SILVA**, Agostinho (1996). *Namorando o Amanhã*. Alhos Vedros: Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros.